

# A Festa do Rosário de Catalão durante a pandemia: etnografia entre o distanciamento social e o digital<sup>1</sup>

Mara Angélica da Silva Ribeiro (UFU)

**RESUMO:** No horizonte das culturas e religiosidades populares durante a pandemia de covid-19, a presente escrita trata das experimentações etnográficas e da congada de Catalão – GO durante os anos de 2020 e 2021. Nem totalmente presencial, nem totalmente digital, as vivências aqui relatadas e as reflexões desenvolvidas se localizam nos interstícios da criatividade e do compromisso, de um lado etnográfico, de outro religioso – e do encontro do qual resulta o trabalho da autora a que se refere esta escrita.

**Palavras-chave:** Congada; pandemia; digital.

O ano de 2020 se tornou um marco da história mundial. O início de uma crise sanitária que afetou todos os cantos do planeta, desdobrando em crises de outras categorias, em transformações inéditas. A pandemia de covid-19 afetou nossa forma de nos relacionarmos, de nos vermos, de vermos ao mundo, de trabalhar, de sentir, de rezar, de festejar, de existir. Algumas das afetações podem ser reversíveis, mas não completamente. Outras, contudo, veremos continuidades e desenrolares nos próximos tempos. O isolamento social, por pequeno ou longo período, trouxe as criatividade diversas para o primeiro plano da vida. Muitas atividades fundamentais que demandam encontros sociais, aglomerações não podiam simplesmente parar. Dado o processo em curso há pelo menos de duas décadas de plataformização da vida, os ambientes digitais, em especial as chamadas redes sociais, foram importantes espaços para a dança das criatividade, para subverter em alguma medida o isolamento e proporcionar os encontros.

O universo das culturas e religiosidades populares foi profunda e diversamente atravessado tanto pelas medidas de distanciamento social quanto pelo medo e desespero que o vírus colocou. É um universo feito de cruzamentos, de encontros, de ruas, de corpos em encontro e em movimento. A pandemia, portanto, impõe essas faltas e as incertezas que decorrem delas. No caso das congadas Brasil adentro, entre faltas e incertezas, a fé e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

devoção exigiram medidas criativas e mais uma vez subversivas e resistentes, de modo a não interromper, ao menos não totalmente, a ciclicidade dos rituais devocionais, do compromisso entre devotos e santos/as, sobretudo Nossa Senhora do Rosário.

A presente escrita versa sobre a criatividade encontrada no trabalho junto aos/às congadeiros/as de Catalão, no sudeste de Goiás, entre 2020 e 2021. Por um lado, experimentações etnográficas por parte da pesquisadora, entre a tela, os arquivos, a bibliografia, o WhatsApp e a escrita, por outro lado as redes sociais como canal de comunicação e coletivização das experiências rituais dos ternos<sup>2</sup> e da realização da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário.

### **A congada de catalão**

Há 146 anos a cidade de Catalão é enfeitada com as cores, as cantorias, as danças e a devoção de congadeiros e congadeiras, com o festejo principal em meados de outubro, na Festa do Rosário. Demarcando uma presença negra em composição racial, cultural e religioso, no contexto historicamente racista de Goiás, a congada cresceu na cidade às custas de resistências, negociações e adaptações às situações de cada tempo.

A “dança vinda da África”, a “Festa do santo de preto” (Brandão, 1978), foi aos poucos inserida nos calendários religiosos católicos de diversas regiões pelo Brasil, uma vez que a pretensa hegemonia histórica do catolicismo, sem o suporte eclesiástico que demanda o território brasileiro, lançou mão de sua tendência à “transmutação do que lhe parece possível assimilar e ressemantização na sua própria síntese” (Sanchis, 2008: 82), de forma a colocar em relação e assimilação elementos do catolicismo eclesiástico, do catolicismo popular ibérico, das diversas religiões indígenas e africanas, além de saberes-fazeres rurais locais.

Na mesma medida, as influências mútuas das culturas acima colocadas, resultaram nas congadas o que Jeremias Brasileiro (2018) considera “coexistência cultural e religiosa”, em que as matrizes africana e católica antes dialogam do que se sobrepõem. Em Catalão essa posição não é homogênea, ainda que a tenhamos encontrado em alguns

---

<sup>2</sup> Ternos são os grupos de dançadores, de congadeiros. Cada terno possui suas cores, vestimentas, sonoridades, danças próprias; é possível identificar semelhanças entre os ternos de uma mesma “linha”. Em Catalão temos 25 ternos, distribuídos entre Congo, Moçambique, Vilão, Marinheiro, Catupé, Marujeiro.

capitães. Na diversidade e no diálogo (não sem conflitos), temos em Catalão o desenvolvimento da cidade atrelado ao da própria Festa do Rosário (Katrib, 2009: 54).

Até 2019 a Festa do Rosário de Catalão era uma das maiores festas do gênero do Brasil, inserida na rota do turismo religioso de Goiás, movia altas cifras da economia local e mobilizava devotos de toda região e de vários lugares do país. “Catalão respira congada”, me disse um dançador de congo para explicar a atmosfera que conhecemos nos dias da Festa e nos meses que a antecede.

Capitães, dançadores, membros da Irmandade e festeiros se preparam ao longo do ano para a realização da Festa, para “louvar com os irmãos Nossa Senhora do Rosário”. Os cortejos dos ternos das apresentações e dos ensaios são acompanhados por simpatizantes<sup>3</sup>, os moradores saem às portas de casa para vê-los e ouvi-los, uma extensa área na região central da cidade é fechada para a instalação das “barraquinhas”<sup>4</sup>. É raro encontrar aquele que não ouve as batidas dos congos<sup>5</sup>, mesmo os que não gostam, por preconceito ou indiferença, acabam sabendo que “está na época da Festa”.

## **A pandemia e as condições do trabalho de campo**

A notícia da pandemia trouxe sentimentos de medo e apreensão aos/às congadeiros/as. A Festa do Rosário tem um sentido existencial, como colocou um capitão de Moçambique: “aquilo é nossa alegria, nossa realização enquanto pessoa, porque no congo você se expressa corporalmente (...), oralmente (...), socialmente (...)”<sup>6</sup>. É a manifestação da teia de sentidos e significados (Geertz, 2008) da existência congadeira. A perspectiva de não realizar a Festa angustiava ainda mais por ser um momento de crise, em que as

---

<sup>3</sup> Simpatizantes é como são chamados os devotos que “são apaixonados pela congada”, não faz parte de nenhum terno específico, mas acompanha um ou mais.

<sup>4</sup> “Barraquinhas” é como são chamadas as barradas de vendedores itinerantes que acompanham o calendário de festas, especialmente as festas religiosas, no interior do Brasil. Há ainda “barraquinhas” de comerciantes locais. São vendidos artigos de toda sorte: têxteis, utensílios domésticos, brinquedos, bijuterias, eletrônicos, além de comidas e bebidas.

<sup>5</sup> “Os congos” em Catalão pode ser em referência aos congadeiros, aos ternos ou à congada.

<sup>6</sup> Trecho completo da fala transcrição, do capitão do Moçambique Mamãe do Rosário, Diogo, em entrevista por videochamada, em maio de 2021: “aquilo que é nossa alegria, nossa realização enquanto pessoa... porque no congo você se expressa corporalmente, você se expressa oralmente, através do cantar, através do... você se expressa socialmente, quando você encontra os amigos, você encontra um capitão do outro terno, ele canta pra você, você canta pra ele. Quando você encontra famílias, n famílias... então o momento, assim, é um mix de fé, devoção, confraternização e, principalmente, de expressão mesmo, enquanto pessoa, enquanto ser humano, enquanto o defensor da cultura. Então, assim, é algo que você de fato... eu sou gente, eu sou gente que faço congada, que danço, que faço cultura.”

rezas se faziam tão mais necessárias, para pedir a interseção, cura e salvação de Nossa Senhora. Assim é que logo nas primeiras semanas, esses pedidos já começam a aparecer no Facebook da Irmandade e de diversos ternos.

Do lado de cá, a vivência pandêmica também me deixou apenas as redes sociais como meio de contato com os/as congadeiros/as, de forma que o projeto pensado para ser desenvolvido pelo mestrado em Ciências Sociais pelo PPGCS-UFU teve de ser adaptado para manter sua premissa primeira: acompanhar experiências congadeiras em Catalão para elaborar junto deles conhecimentos presentes. No meio dos dois lados, a própria experiência etnográfica, da qual a escrita da dissertação é parte integrante (Peirano, 2014).

As Festas do Rosário de 2020 e 2021 foram festas “atípicas”, realizadas no “modo online”. Na prática os rituais que puderam ser mantidos foram feitos presencialmente em algum lugar – na Igreja do Rosário e no largo do Rosário, em frente à igreja –, com restrição de pessoas, exigência dos protocolos sanitários<sup>7</sup>, e transmitidos instantaneamente através da página da Irmandade do Facebook. Nesse fluxo, a proposta da pesquisa, a que se refere esta escrita, foi observar de perto os movimentos dos/as congadeiros/as, experienciar com eles a pandemia, enquanto evento construído e localizado (Segata, 2020), e os rituais digitalizados, com vistas a identificar o que foi essencial e possível de ser mantido e a falta sentida do que não foi possível.

Diante da necessidade do distanciamento social, isso significou manter contato com eles/as através de plataformas de mensagem instantânea, como o Messenger do Facebook e o WhatsApp, acompanhar o cotidiano das publicações e transmissões – feitas sobretudo no Facebook. Para isso, foram escolhidos dois ternos, o Congo do “Prego” e o Moçambique Mamãe do Rosário, ambos com fluxos constantes de atividades na rede social, além da página da Irmandade. No mesmo percurso de experienciar junto deles as experimentações pandêmicas, busquei acessar suas memórias e as minhas para construir o contexto que antecede à pandemia e acessar o “essencial a ser mantido”. Em tempo, para construção do contexto, foi utilizada uma extensa literatura historiográfica sobre a cidade de Catalão e a congada.

---

<sup>7</sup> Os chamados “protocolos sanitários” em vigor durante a pandemia podem ser resumidos em: manter distanciamento de outras pessoas, utilização da máscara facial e higienização das mãos com álcool em gel. Durante os rituais transmitidos pelos/as congadeiros/as de Catalão (e presenciados pela autora) é perceptível o esforço em mantê-los, contudo nos momentos mais enérgicos de dança e cantorias, essas medidas são ao menos parcialmente subvertidas diante das emoções que fluem pelos corpos em movimento de devoção.

Minhas memórias foram constituintes do trabalho pois nascida e criada em Catalão, a Festa do Rosário coloria e agitava meus outubros na infância e adolescência. Além de instigar afetos e questões que me aproximaram dos/as congadeiros/as, minha vivência também me diferencia deles/as. Fui enquadrada durante o trabalho de campo na categoria de simpatizante e pesquisadora. Não fui, portanto, um “corpo estranho” nas transmissões em que interagi, nem nos contatos diretos com os interlocutores – nas redes sociais, nas entrevistas por videochamada e nos eventos que presenciei. Por outro lado, fui ainda um “corpo externo” à congada.

Com aportes dos campos da etnografia digital e antropologia digital, a maior parte do trabalho foi realizado através das telas. Mas foi necessário estar no Largo do Rosário, em frente à igreja, ainda que por tempo limitado, para perceber as faltas sentidas e expressas pelos/as congadeiros/as. Essa ida, contudo, só foi possível no segundo ano da pandemia, quando a vacinação da população já estava avançada, fato que fez da Festa de 2021 “mais amena” que a do ano anterior, segundo os/as interlocutores/as.

### **“A gente teve que se reinventar”**

Em Catalão, existe uma divisão um tanto organizativa da Festa do Rosário em parte religiosa, parte folclórica e parte social. É mais para dividir funções e menos percebidas na prática. Na perspectiva congadeira, as três partes são indissociáveis; dançar e cantar (“folclórica”) na rua com os irmãos (“social”) é louvar Nossa Senhora (“religiosa”). Durante os dois anos em questão, “a parte religiosa toda teve”. Isso quer dizer que, em “modo online”, os rituais estritamente católicos<sup>8</sup> foram todos feitos: as missas diárias e os terços da novena. Também foram mantidos os rituais mantenedores da Festa, não menos religiosos: a “levantação” das bandeiras dos ternos, a alvorada, a “levantação” das bandeiras da Festa e a entrega da coroa.

Na lógica das “partes” não teve, portanto, a parte folclórica e a social, que são os grandes cortejos públicos dos ternos com todos seus dançadores, as noites de música e comensalidade, as “barraquinhas” pelas ruas, o encontro de centenas de devotos, a procissão, o café da manhã e almoço no centro do folclore. Tudo que é feito de

---

<sup>8</sup> O fato de serem rituais católicos não elimina os elementos afro-brasileiros. Como colocado anteriormente, ao tratar de congada e Festa do Rosário a coexistência é constante, pois fundante e constituinte.

aglomeração. Não teve, mas parcialmente. Sendo o corpo elemento constitutivo da Festa do Rosário, o que houve parece ter sido uma adaptação de escalas, de meios e de espaços, de forma a caber nas limitações ditadas pela pandemia. É certo que alguns rituais realmente não foram possíveis, como os citados acima, mas tivemos encontros e tivemos apresentações dos ternos<sup>9</sup>, com restrição ao número de pessoas presentes e a maioria em espaços privados ou no interior da Igreja<sup>10</sup>.

A realização parcial, adaptada traz ao primeiro plano a criatividade congadeira, não como novidade, mas como necessidade para manutenção da Festa e dos vínculos religiosos. A congada é um universo de tradições, não tradições cristalizadas e fixas ao passado, mas capazes de suportar e elaborar inovações – característica que a pandemia expôs de modo extremo, dada a situação extrema.

O digital foi, dessa forma, meio de coletivização dos rituais<sup>11</sup>, ou manutenção da coletivização, já que os rituais congadeiros demandam a coletividade. Essa manutenção, ao passar pelo digital, altera a própria coletivização. Devotos ou não de qualquer lugar do país (e do mundo) puderam acompanhar os rituais que, noutros tempos não podiam. Congadeiros/as de outras regiões fortaleceram as *lives* dos ternos de Catalão, assim como congadeiros/as catalanos se fizeram presentes em *lives* de ternos de outras cidades. Se os rituais foram, por um lado, limitados, por outro foram expandidos.

A um só tempo, os ternos mais ativos nas redes sociais, como o Moçambique Mamãe do Rosário, acabaram por firmar uma autoimagem sólida<sup>12</sup>, ao publicar conteúdos religiosos que expressam as concepções do terno – por exemplo, na homenagem aos santos e explicação da importância de cada um, na reverência aos orixás sincretizados aos santos católicos. Além de continuar e aprofundar o movimento de produzir memórias,

---

<sup>9</sup> Não é uma realidade homogênea da congada de Catalão. A congada não é homogênea, cada terno tem certa autonomia na organização de suas atividades, na pandemia também o foi. O presente trabalho considera os dois ternos acompanhados de perto, acima citados. Nos dois anos em tela, esses ternos fizeram lives temáticas, em que os capitães e dançadores dialogavam, contando suas histórias; também fizeram a “levantação” de suas bandeiras e o terço que a precede, transmitindo instantaneamente. O Moçambique Mamãe do Rosário realizou ainda outros rituais que foram transmitidos, como o terço em homenagem a São Jorge, o terço em homenagem aos pretos velhos e encontro no Dia da Consciência Negra – em todos fizeram suas rezas cantadas, com instrumentos e danças.

<sup>10</sup> As exceções foram a alvorada e a “levantação” da bandeira da Festa, realizadas no Largo do Rosário. A igreja teve um número limitado de ocupantes, em 2021 foram distribuídas senhas para a entrada.

<sup>11</sup> Não apenas. A primeiro instante o digital serviu, como já vinha servindo há alguns anos, como principal meio de comunicação entre capitães e dançadores, irmandade e congadeiros/as, simpaticantes e devotos.

<sup>12</sup> Sobre os usos da tecnologia pelos “sujeitos populares” e construções de autoimagem, conferir Lopes (2009).

guardar registros de momentos importantes – o que esse terno já faz há pelo menos seis anos.

Se muito do que é essencial foi transmitido ou publicado, outras faltas essenciais também foram sentidas. “Um sentimento de que ficou algo pelas metade”, me disse Diogo, capitão do Moçambique Mamãe do Rosário. Uma saudade que as lives e transmissões não são capazes de suprir, ainda que, com elas, tenham cumprido a missão – manutenção da renovação anual do vínculo com a Santa do Rosário. “Nossa Senhora merece mais”, mas o que foi possível foi feito. Uma saudade religiosa, folclórica e social. “Sinto falta de bater minha caixa, de vestir minha farda. Sinto falta de ver os amigos. Sinto falta de louvar”, são as palavras nostálgicas de Fabinho, caixeiro do Congo do “Prego”.

### **Experiência religiosa através do digital**

Nos rituais transmitidos, muitos detalhes. Na igreja toda decorada de rosas, a imagem de Nossa Senhora do Rosário centralizada, o castiçal com as velas acesas, luzes ao fundo do altar. No quintal de seu Elzon, capitão do Congo do “Prego”, uma mangueira histórica, o altar com a imagem de Nossa Senhora e peças do fardamento do terno. Na sede do Moçambique Mamãe do Rosário, também casa do capitão Diogo, altar com imagens dos santos de devoção do terno, flores e velas. Em todos o pedido de intercessão de Nossa Senhora na pandemia. O lamento e a fé coexistindo, o primeiro potencializando a segunda.

Pode ser que muitos expectadores dos rituais da Festa do Rosário ou dos ternos tenham-nos encarado como entretenimento. Pode ser ainda que outros tenham assistido para “não passar batido” a tradição ou o voto feito. Mas, se tratando de uma religiosidade carregada de mística e encantos, temos de considerar o potencial dessas transmissões em instigar e coletivizar o sagrado que há nos encantos.

A “falta” é a maior presença entre os interlocutores. E junto da falta, a necessidade da fé, de rezar e de “não faltar com Nossa Senhora”, pois ela pode interceder junto a Jesus pela cura e pela libertação desses tempos terríveis. Assim é que podemos pensar que as transmissões podem ter compartilhado instantaneamente sentimentos religiosos que já são conhecidos, de momentos que já foram vividos. Sabrina, bandeirinha do Congo do

“Prego”, nos contou que, ao assistir de sua casa os rituais da Festa do Rosário, “mais forte ainda Deus estava presente, Deus e Nossa Senhora estavam presentes na minha casa também, porque eu tava ali em união com a igreja, assistindo online.”<sup>13</sup>

Em união com a igreja, Deus se fez presente também em sua casa, expandindo espacialmente o poder sagrado da reunião dos ritos coletivos. De forma que em qualquer lugar que o devoto estivesse, seria possível estar em comunhão com aqueles que rezavam desde a capela. Podemos supor que essa possibilidade é criada tanto pelo instantâneo como pela fé, a reunião síncrona de devotos em torno dos mesmos símbolos sagrados, os quais podem induzir disposições (Geertz, 2008: 70).

Nesse caso as disposições e as emoções que as acompanham compõem as reuniões em modo remoto, não como acontecimentos inéditos, mas como continuação e revivificação de memórias, “como se estivessem todos os juntos”, segundo Diogo. Para o capitão, na hora de fazer as *lives* e transmissões, é “como se tivesse vivendo de fato aquele momento com todo mundo ali real e presente”, e como expectador, ele “sente como se estivesse lá presente”<sup>14</sup>.

“De arrepio, de choro, de emoção de fato”, Diogo conta. “E a gente vê também nos comentários das lives “emocionada”, “você me faz arrepiar”. Mesmo com a tecnologia, o nosso cantar, o nosso rezar levou pras pessoas alguma coisa do que de fato a gente queria levar”. Todos os detalhes que compõem as cenas transmitidas somados àqueles que nos escaparam, enquanto imagens e sons carregas de símbolos, reavivam memórias e instigam emoções no momento mesmo em que são produzidos, em interação instantânea. Assim, de alguma maneira, uma rede é criada entre todos que assistem e todos que produzem, que aparecem (ou não) nas imagens transmitidas. Se o corpo é base existencial da cultura (Cavalcanti, 2002), podemos compreender o digital aqui como base para as expressões e emoções do corpo, impedido de suas manifestações presenciais.

Geertz (2008: 82) coloca que em um ritual “o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas, tornando-se um único mundo”. Então, nas situações aqui pensadas, estão todos juntos e cada um em um lugar, uma vez que as transmissões online podem ser o canal do “único mundo” criado/vivido pelos devotos. Este mundo pode, assim como fora as Festas até 2019 – e

---

<sup>13</sup> Em entrevista realizada por áudios no Messenger, fevereiro de 2022.

<sup>14</sup> Em entrevista por videochamada no WhatsApp, maio de 2021.



provavelmente voltarão a ser a partir de 2022 – estabelecer uma ruptura com o cotidiano, mesmo que marcado por datas sagradas ou estabelecidas, ser um momento de conexão coletiva com o sagrado.

Os movimentos digitais foram a principal forma de reinvenção dos/as congadeiros/as diante das restrições colocadas pela pandemia, acompanhando criativamente a tendência à incorporação da internet ao cotidiano (Hine, 2020). O resultado foi a adaptação e manutenção da ciclicidade da Festa do Rosário de Catalão e dos rituais dos ternos que a precedem. Contudo, as atividades digitais não puderam substituir, mas ao contrário, nelas sempre era lembrada a falta da rua e da aglomeração de corpos e espíritos em devoção. Essa falta, sentida com tristeza, revela como corpo e encontro são também instrumentos de devoção congadeira. Na sua ausência forçada, o compromisso com a Santa é mantido “da forma que pode”, mas é mantido.

## **BIBLIOGRAFIA**

Asad, Talal. (2010). A construção da religião como categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, n. 19, p. 263-284, São Paulo.

Brandão, Carlos R. (1978). **A Festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro: Funarte; Ed. da UFG.

Brasileiro, Jeremias. (2018). Coexistência Cultural e Religiosa: um diálogo entre as congadas e o catolicismo popular. **Revista Relicário do Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia**, v. 5, n. 10, p. 35-51.

Cavalcanti, Maria Laura V. de C. (2002). Os sentidos no espetáculo. **Revista de antropologia**, v. 45, p. 37-78.

Cavalcanti, Maria Laura; Gonçalves, Renata de Sá (org.) (2021). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Série livros digitais).

Geertz, Clifford. (2008). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Hine, Christine. (2020). A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos De Campo**, vol.29, n.2, p. e181370.

Katrib, Cairo M. I. (2009). **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos do sagrado e do profano do Congado na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO – 1940-2003)**. 2009. 248f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

Lopes, José Rogério. (2009). Os sistemas abstratos e a produção de reflexividade na religiosidade contemporânea. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 11, n. 11, p. 13-34.

Miller, Daniel; Horst, Heather. (2016). O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 91-111.

Sanchis, Pierre. (2008). Cultura brasileira e religião... passado e atualidade... **CADERNOS CERU**, série 2, v. 19, n. 2.

Segata, Jean. (2020). A pandemia e o digital. **Revista Todavia**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, ed. 8, p. 7-15.

Wagner, Roy. (2017). **A invenção da cultura**. São Paulo: Ubu Editora.